

edição



Primeira Fase (**GABARITO**)

categoria regular/aberta

Setembro, 2023



# Prefácio

Bem-vinde à décima terceira edição da Olimpíada Brasileira de Linguística: a edição **Abya Yala!**

Desejamos nesta edição que possamos cultivar a sabedoria e a cultura dos nossos ancestrais e dos povos que sustentam o continente. Que cuidemos da terra amadurecida, Abya Yala, assim como ela nos acolhe e nos nutre, dia após dia.

Essa prova tem 18 problemas de múltipla escolha divididos em três ciclos, com níveis crescentes de dificuldade. O primeiro ciclo, com 9 problemas; o segundo ciclo, com 6 problemas; e o terceiro ciclo, com 3 problemas. Você pode resolvê-la a qualquer momento entre as 08:00 do dia 15 de setembro e as 23:59 do dia 25 de setembro de 2023 (horário de Brasília). Você pode fazer a prova pelo aplicativo (celular, tablet, etc.) ou no navegador do seu computador durante o tempo que quiser destes 11 dias.

Não se assuste. Para fazer esta prova, você não precisa conhecer línguas ou linguística; seu raciocínio, sua intuição de falante e seu conhecimento de mundo devem ser totalmente suficientes para resolvê-la. Mas é claro, quanto mais ampla for sua cultura linguística, mais fácil (e mais divertido) será. Você pode usar a internet e conversar com pessoas, mas *não para pesquisar dados das línguas (ou seja, estão vetados tradutores, dicionários ou páginas descrevendo a gramática das línguas dos problemas)*. Queremos que você confie em si mesmo para desvendar os padrões linguísticos.

O gabarito comentado da prova será divulgado nos dias seguintes ao fim da prova, na sua área restrita do site e nas redes sociais da Olimpíada.

Boa prova!

## Problemas

Bianky Nardy,  
Bruno L'Astorina,  
Fernando César G. Filho,  
Gabriel Marquette,  
Guilherme May,  
Gustavo Palote da Silva Martins,  
Lai Otsuka,  
Maria Eduarda Freitas,  
Rodrigo Pinto Tiradentes

## Edição, testes e revisão

Artur Corrêa Souza,  
Bianky Nardy,  
Bruno L'Astorina,  
Eduardo Cardoso Martins,  
Fernando César G. Filho,  
Flavio Castro,  
Gabriel Marquette,  
Guilherme May,  
Gustavo Palote da Silva Martins,  
Juliana Chaves Almeida,  
Lai Otsuka,  
Leonardo Paillo,  
Maria Eduarda Freitas,  
Mariana Lins Wolmer,  
Rodrigo Pinto Tiradentes

Alguns produtos do Supermercado Dia têm nomes criativos formados a partir de trocadilhos. Na imagem abaixo, por exemplo, a expressão “vem quente que tô fervendo” foi usada para nomear um fermento, na forma “Vem quente que tô FERMENTO”.



Nas alternativas, diferentes estratégias linguísticas foram utilizadas para fazer os trocadilhos dos nomes dos produtos. Qual produto usou a mesma estratégia que a do exemplo acima?

a) TAPIOK (tapioca)



d) AMOstarda (mostarda)



b) Só em TRENÓS (panettone)



e) PÓ PÔ PÓ! (chocolate em pó)



c) mó de BROA (broa de milho)



**Resposta: (c)**

No exemplo do enunciado, *Vem quente que tô FERMENTO*, a brincadeira aconteceu por conta da semelhança entre as palavras fervendo e fermento. Assim, criou-se o trocadilho que remete a uma expressão popular (vem quente que tô fervendo), mas que sofreu uma substituição de palavra para conter o nome do produto (fermento), não presente na expressão original.

Já em *TAPIOK*, o trocadilho foi feito em cima do próprio nome do produto (tapioca). O que aconteceu foi que ele sofreu uma pequena modificação, para incluir dentro dele a palavra OK.

Em *Só em TRENÓS*, não aconteceu uma substituição de uma palavra da expressão *só entre nós* por outra, como no exemplo dado, e sim uma ressegmentação das palavras (as palavras foram “quebradas” em pontos diferentes) para formar outra expressão com a mesma pronúncia, mas outro significado. Além disso, o trocadilho foi feito com a palavra *trenós*, que, ainda que esteja relacionada com o período de Natal – quando o produto (panettone) é vendido –, não é o nome do produto em si, como no caso do fermento.

Em *mó de BROA*, a expressão *mó de boa* teve uma palavra (boa) substituída pelo nome do produto (broa), bem como no trocadilho do enunciado.

Em *AMOstarda*, o trocadilho também foi feito em cima do próprio nome do produto (mostarda). Foi adicionada uma letra ao início da palavra, para que fosse possível ler a palavra *amo* no nome do produto.

O nome *PÓ PÔ PÓ!* não é um trocadilho, mas utiliza uma piada já conhecida com o sotaque mineiro, que se relaciona com o nome do produto (pó).

Logo, a alternativa que usa a mesma estratégia que o exemplo do enunciado é a (c).

Entre os séculos XII e XIV, a região onde hoje se encontram Portugal, Espanha e França viu surgirem muitos jograis e trovadores, que compunham e cantavam diversos tipos de cantigas. Nessa época, as línguas românicas ainda estavam se formando; entre os portugueses, a língua falada era o galego-português, que só alguns séculos depois viria a constituir duas línguas distintas: o galego e o português.

Abaixo, reproduzimos uma cantiga de amigo de Martin Codax, composta em galego-português no século XIII. Mas atenção: nós ocultamos a **penúltima** estrofe. Quais são os versos da penúltima estrofe dessa cantiga?

*Eno sagrado em Vigo  
bailava corpo velido.  
Amor hei!*

*Em Vigo, no sagrado  
bailava corpo delgado.  
Amor hei!*

*Bailava corpo velido  
que nunc'houver'amigo.  
Amor hei!*

*Bailava corpo delgado  
que nunc'houver'amado.  
Amor hei!*

[...]

*Que nunc'houver'amado  
ergas em Vigo no sagrado.  
Amor hei!*

- |   |  |
|---|--|
| <p>a) Que nunc'houver'amigo ergas no sagrad'em Vigo. Amor hei!</p> <p>b) Que nunc'houver'amigo ergas em Vigo no sagrado. Amor hei!</p> <p>c) Bailava corpo velido ergas em Vigo no sagrado. Amor hei!</p> | <p>d) Bailava corpo velido ergas no sagrad'em Vigo. Amor hei!</p> <p>e) Que nunc'houver'amado ergas no sagrad'em Vigo. Amor hei!</p> |
|---|--|

**Resposta: (a)**

As cantigas de amigo foram um gênero literário da época medieval que apresentava muita musicalidade. Isso fica evidente quando observamos as repetições na cantiga apresentada no

problema: a quantidade de versos é a mesma em todas as estrofes; o último verso da estrofe é sempre o mesmo (ou seja, as estrofes terminam com um refrão); as terminações das palavras se repetem (ou seja, ocorrem rimas); as palavras se repetem entre os versos; e até mesmo os versos se repetem entre as estrofes! E se observarmos com mais atenção ainda, encontraremos padrões mais específicos.

Em primeiro lugar, podemos notar um **esquema rímico**. As rimas ocorrem ao final dos versos entre, por exemplo, “Vigo” e “velido”; e “sagrado” e “delgado”. Além disso, em todo o poema só ocorrem duas rimas: a primeira nas estrofes ímpares; e a segunda nas estrofes pares. Vemos, então, as sequências de rimas primeiro entre “Vigo – velido – amigo” e depois entre “sagrado – delgado – amado”. Logo, já sabemos que a penúltima estrofe deve conter versos que terminam com palavras da primeira sequência de rimas.

Em segundo lugar, podemos notar uma **organização de versos alternados**. Mais especificamente, vemos um **leixa-pren**, que consiste em começar uma estrofe com o último verso (ou a última palavra) de uma estrofe anterior. O leixa-pren (que significa ‘deixa-toma’) foi um recurso poético comum na época medieval, principalmente nas cantigas de amigo. Na cantiga do problema, o segundo verso da primeira estrofe se torna o primeiro da terceira estrofe; o segundo verso da segunda estrofe se torna o primeiro da quarta estrofe; e o segundo verso da quarta estrofe se torna o primeiro da sexta estrofe. Logo, o primeiro verso da quinta estrofe deve ser igual ao segundo verso da terceira estrofe.

Combinando todos os padrões de repetição identificados, deduzimos que a estrofe ocultada se encontra na alternativa A.

Com tanta repetição, não é difícil de imaginar que as cantigas de amigo eram fáceis de decorar, propícias para repetir passos de dança e, portanto, muito populares. Convidamos você a clicar neste link (<https://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=1313&pv=sim>) para entender melhor o conteúdo dessa cantiga de Codax e ouvi-la cantada em diferentes gravações.

A música a seguir, do duo argentino Tonolec, é cantada na língua guarani pela cantora Charo Bogarín e por um coro de crianças guarani.



<https://player.vimeo.com/video/864340515>

Marque a alternativa que não representa uma palavra presente na letra da música:

- a) oguata
- b) jety
- c) porã
- d) purahéi
- e) jajerojy

**Resposta: (b)**

O duo argentino Tonolec, composto pela cantora Charo Bogarín e pelo multi-instrumentista Diego Perez, tem se dedicado a produzir músicas ligadas ao repertório musical dos guarani e do povo qom do Chaco. O vídeo mostrado neste problema, “Oreru”, é traduzido do guarani como “nosso pai” ou “pai nosso”, e é uma canção que fala do mundo espiritual e natural da forma como é contado pela cultura guarani.

A letra da primeira parte da música pode ser traduzida como:

“Pai nosso, o que nos ensina / teu canto, de belos ventos /  
o xamã nos ensina / o sábio: a selva é bonita / a selva é bonita”.

O refrão, cantado por um coro de crianças, é traduzido como:

“Para chegar até a terra sem males / poderemos saudar / poderemos cantar /  
caminhando até a terra sem males / até a terra sem males”.

Por conta da repetição dos versos, cada uma das palavras listadas nas alternativas pode ser ouvida mais de uma vez. Abaixo há os tempos em que cada palavra aparece pela primeira vez:

- purahéi (canto; cantar) aparece na expressão nde purahéi (teu canto) [00:20] do vídeo;
- na sequência aparece vytytu porã (belos ventos) [00:22];

- no coro das crianças aparece jajerojy (saudamos) [00:36];
- pouco depois elas cantam oguata (ele/a caminha) [00:43],

Com isso, sobra a alternativa (b), jety (batata-doce), que não pode ser ouvida em nenhum momento da música.

Ao encontrar as palavras, podemos notar também que algumas delas contêm fonemas distintos do que poderíamos esperar. O g em oguata, não é pronunciada como o nosso g em *gato*, mas uma versão mais suave dele, em que a boca não se fecha totalmente para produzir o som (no alfabeto fonético isso é representado como [w] e é similar ao som do u em *uau!*). O y em yvytu é uma vogal que não existe em português fechada porém com a língua mais no meio da boca, algo entre [i] e [u]. O j em jajerojy é pronunciado como o dj em *djonga*. Por fim, o ã em guarani é nasalizado como o nosso ã em *manhã*, mas pronunciado com a boca mais aberta, como o a em *árvore*.

## 4 · Quem veio primeiro?

Abaixo está um exemplo de piada que usa um certo recurso linguístico para produzir seu efeito de humor. Perceba como a palavra “frito” pode significar tanto que o cara está em uma situação complicada quanto que alguém literalmente o colocou em uma panela e o fritou.



Mas quem veio primeiro? O ovo ou a galinha? A seguir, as alternativas contêm memes e piadas de galinhas. Todas elas têm seu humor causado pelo mesmo recurso linguístico que o exemplo acima, **exceto uma**. Qual é essa alternativa?

a)



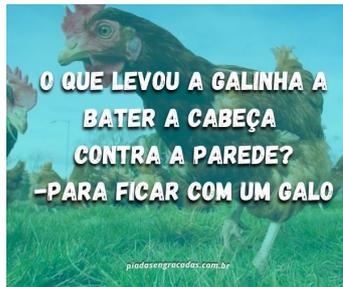
b)



c)



d)



e)



**Resposta: (c)**

Na piada do enunciado, o humor foi causado pela palavra *frito*, que apresenta mais de um sentido no contexto – fenômeno conhecido como **polissemia**. Então, nesse problema, precisamos analisar cada um dos memes e piadas das alternativas em busca daquele em que o humor não está relacionado à polissemia.

- a) Nessa imagem, o que causa o humor é a palavra *chocasse*. No contexto de fala em que aparece, ela teria o sentido de causar um choque, um escândalo. Entretanto, por conta da imagem da galinha, ela também ganha um outro sentido, o do ato de uma galinha chocar (cobrir) seus ovos.
- b) Aqui, a expressão *botando pra quebrar* é a causa do humor. Essa é uma expressão popular com o sentido de “ir muito bem”, “arrasar”, mas, no contexto da imagem, ela também pode ser entendida literalmente: a galinha estaria *botando* (os ovos) com a finalidade de quebrá-los.
- c) Nessa alternativa, o humor é causado pelas expressões *a galinha* e *H linha*. Ambas apresentam uma pronúncia muito parecida, mas são escritas de formas diferentes e significam coisas diferentes. Esse fenômeno é chamado de **homofonia** e não pode ser considerado uma polissemia, já que não temos um mesmo termo com mais de um significado, e sim termos diferentes com som parecido. Logo, esta é a resposta do problema.
- d) O humor dessa piada está na resposta: *ficar com um galo*. Pelo contexto da pergunta, poderíamos entender que isso significaria ter um machucado na cabeça, já que ela foi batida contra a parede. Mas, como estamos falando de uma galinha, também seria possível interpretar a resposta como *estar junto de um galo (frango macho)*.
- e) A palavra *pena* aparece duas vezes nessa imagem. Na primeira vez, está na expressão *é uma pena*, que popularmente é utilizada para indicar um lamento. Porém, na segunda imagem, uma pena (do corpo da galinha) é utilizada para fazer o pagamento, no lugar do cartão. Então, *é uma pena* poderia ser entendido também como *custa uma pena (de galinha)*. Além disso, na última imagem, temos a expressão *valeu a pena*, que popularmente significa que algo mereceu algum sacrifício ou esforço, mas, no contexto, também pode ser mais literal, no sentido de que o sorvete realmente compensava o preço da pena do corpo da galinha.

## 5 · Wedang Uwuh

Observe abaixo imagens de uma caixa de chá. O Wedang Uwuh é uma bebida típica da Indonésia que, de acordo com as instruções, tem um consumo recomendado de 2 a 3 porções por dia. Perceba que, na parte da frente da caixa, uma das partes impressas foi riscada de preto. O que estava escrito nela?



- a) kali sehari
- b) sekarung
- c) kantong
- d) masukkan
- e) mendidih

**Resposta: (c)**

Um primeiro passo para descobrir qual é a palavra riscada é entender o que ela poderia significar em português. Como está escrita na parte da frente da caixa de chá, acompanhada de 25 \_\_\_\_\_ @ 2 gram, ela provavelmente vai indicar a quantidade de saquinhos de chá que vêm na caixa. Isso pode ser confirmado fazendo contas de matemática: se somarmos os gramas de cada elemento da composição dos saquinhos, chegamos nos 2 gramas; se multiplicarmos as 25 unidades pelos 2 gramas, obtemos os 50 gramas indicados em Netto: 50 gram. Com isso, podemos começar a procurar pela(s) palavra(s) correspondente(s) a “saquinho de chá”, em indonésio.

No lado branco da caixa (parte de trás), temos uma lista de 5 itens que parecem indicar as instruções de modo de preparo do chá. Isso pode ser comprovado pelo enunciado do problema, que diz que as instruções indicam um consumo recomendado de 2 a 3 porções por dia – números que aparecem no primeiro item da lista. Já as outras quatro instruções corresponderiam às quatro figuras do lado esquerdo da imagem.

Espera-se que o termo para *saquinho de chá* apareça algumas vezes ao longo das instruções, como quando ele é colocado na xícara (primeira ilustração), retirado, ou até mesmo na indicação do consumo de 2 a 3 saquinhos por dia. Mas, além disso, também espera-se que ele esteja presente na parte da composição de cada sachê, em algo como *Cada saquinho contém:*.

O termo que aparece em todos esses lugares é *kantong*, que, de fato, significa saco ou bolso, em indonésio, e forma a expressão saquinho de chá em *kantong teh*, que está presente algumas vezes na lista de instruções.

“The Name Game” é uma canção norte-americana escrita e interpretada por Shirley Ellis com colaboração de Lincoln Chase lançada em 1964. A canção se baseia em um jogo de rimas que cria variações com o nome de uma pessoa. Ao longo do tempo, esse jogo foi cantado por diversos artistas e até mesmo regravado em uma versão brasileira da música, chamada “Jogo da Rima”, cantada pela cantora brasileira Xuxa, em 1994.

<https://player.vimeo.com/video/864519897>

Assista ao vídeo, em que a música é cantada com os nomes Shirley, Lincoln, Marsha e Madonna.

Além do vídeo, para entender como o jogo funciona, aqui estão alguns exemplos com os nomes Fred e Beatriz:

Fred, Fred bo-bred  
Bonana-fanna fo-red  
fee fi mo-mred  
Fred!

Beatriz, triz, bo-briz  
Bonana-fanna fo-friz  
fee fi mo-mriz  
Beatriz!

Como seria cantada a música “The Name Game” com o nome Humberto?

- a) Humberto, humberto bo-bumberto  
Bonana-fanna fo-fumberto  
fee fi mo-umberto  
Humberto!
- b) Humberto, humberto bo-bumberto  
Bonana-fanna fo-fumberto  
fee fi mo-mumberto  
Humberto!
- c) Humberto, berto bo-erto  
Bonana-fanna fo-erto  
fee fi mo-erto  
Humberto!
- d) Humberto, berto bo-erto  
Bonana-fanna fo-ferto  
fee fi mo-merto  
Humberto!
- e) Humberto, berto bo-berto  
Bonana-fanna fo-ferto  
fee fi mo-merto  
Humberto!

**Resposta: (d)**

Um verso da música “The Name Game” pode ser criado com qualquer nome (X). Basta reconhecer a sílaba tônica e utilizar o nome em dois formatos diferentes:

- O trecho da palavra após a sílaba tônica (Y)
- A palavra sem a consoante inicial da sílaba tônica (Z).

Por exemplo,

- X = Beatriz, Y = triz e Z = riz
- X = Madonna, Y = donna e Z = onna
- X = Lincoln, Y = Lincoln e Z = incoln

Dessa forma, a estrofe fica:

(X), (Y) bo-b(Z)  
Bonana-fanna fo-f(Z)  
fee fi mo-m(Z)  
(X)!

Um caso particular envolve os nomes em que a consoante inicial da sílaba tônica é b, f ou m, fazendo com que *não haja repetição desses sons* nos trechos bo-b(Z), fo-f(Z) ou mo-m(Z). É o que ocorre com Marsha, cuja terceira linha é fee fi mo-arsha em vez de fee fi mo-marsha, ou com Fred, cuja segunda linha é Bonana-fanna fo-red em vez de Bonana-fanna fo-fred.

Portanto a alternativa correta é a cantada da seguinte maneira:

Humberto, berto bo-erto  
Bonana-fanna fo-ferto  
fee fi mo-merto  
Humberto!

A canção “The Name Game” fez bastante sucesso quando foi lançada. Em 1965 ela foi para o número 3 na Billboard Hot 100 e número 4 nas paradas de R&B da Billboard em 1965. O disco foi relançado em 1966 e novamente em 1973. Ao longo do tempo, ela foi regravaada por diversos artistas, como a cantora brasileira Xuxa, que gravou uma versão brasileira da música chamada “Jogo da Rima”, para seu álbum Sexto Sentido, em 1994, e inspirou o nome do problema pelo seu trecho “Balança a pança nessa nova dança”. A personagem Irmã Jude (interpretada pela atriz Jessica Lange) cantou uma versão da canção em 2013 na série de TV *American Horror Story*, no episódio 10 da 2ª temporada.

Veja o mapa-múndi em estoniano deste problema.

Ele está na próxima página e disponível em: <https://bit.ly/obling2023mapa>

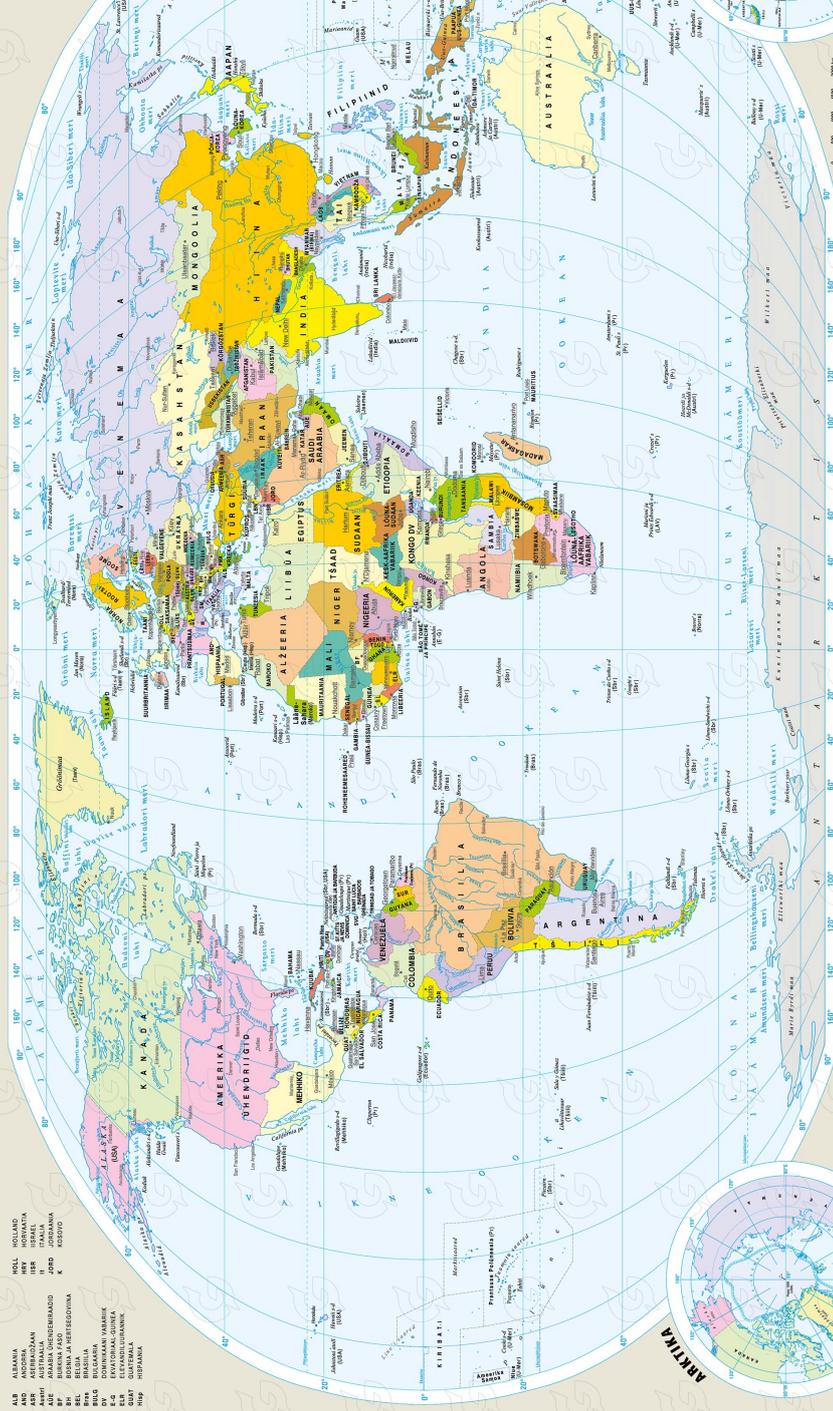
A partir dele, podemos aprender algumas coisas sobre a língua estoniana. Marque a alternativa que é mais provavelmente **incorreta**:

- a) *Sul, novo e terra/lugar* em estoniano são respectivamente *lõuna, uus e maa*.
- b) Muitos nomes de país em estoniano que recebem vogal longa (escrito com vogal duplicada) a recebem na mesma sílaba que, em português, é pronunciada como sílaba tônica.
- c) S-d é a abreviação para ilhas (plural).
- d) Os estonianos têm relações históricas próximas com países como Suécia, Finlândia e Rússia, razão pela qual seus nomes são mais diferentes dos nomes pelos quais esses países são conhecidos na maioria das outras línguas.
- e) Não existe uma maneira de representar, na ortografia estoniana, o som *tch* como em *tchau*.

# MAAILMA RIIGID

ALB ALBAANIA  
 AUS AUSTRAALIA  
 AUT AUSTRIA  
 BEL BELGIA  
 BRA BRAASILIA  
 CAN KANADA  
 CHE Tšiina  
 COL KOLUMBIA  
 DEN DANI  
 EGI EGIPTUS  
 FIN FINLAA  
 FRA FRANSSIA  
 GER SAKSIA  
 GRI Kreeka  
 IIR IIRI  
 IND INDIA  
 ITA ITAALIA  
 JPN JAAPAN  
 KAZ KAZAKHSTAN  
 KOR KOREA  
 KUB KUBA  
 LUK LUKS  
 MEX MEXIKO  
 NED HOLLAND  
 NOR NORVA  
 POL POOLA  
 RUS VENETIA  
 SWE Rootsi  
 SWI Rootsi  
 TAI TAIWAN  
 USA AMERIKA  
 VEN VENEUELA

L. LEICHTENSTEIN  
 LIT LITHUANIA  
 LUX LUKS  
 MEX MEXIKO  
 MONT MONTENEGRO  
 NLD ALBAANIA  
 NOR NORVA  
 POL POOLA  
 PRT PORTUGAL  
 ROU ROMANIA  
 RUS VENETIA  
 SWE Rootsi  
 SWI Rootsi  
 TAI TAIWAN  
 USA AMERIKA  
 VEN VENEUELA



© 2022  
 www.regio.ee



## Resposta: (e)

Toda vez que elementos de uma língua aparecem em algum lugar, podemos aprender algo sobre ela. O problema trazia um mapa-múndi em estoniano, e apenas examinando as informações presentes no mapa, podemos aprender várias coisas sobre a língua estoniana. Vejamos algumas delas.

Alguns nomes de países revelam certas palavras da língua. Em Lõuna-Korea, Lõuna-Sudaan e Lõuna-Aafrika Vabariik, podemos deduzir que *lõuna* é *sul*. Em Uus-Meremaa (Nova Zelândia), Uus-Kaledoonia e Paapua Uus-Guinea, podemos deduzir que *uus* é *novo(a)*. Poderíamos seguir o mesmo raciocínio para descobrir outras palavras como *norte* (*põhja* como em Põhja-Korea), *grande* (*suur* como em Suurbritannia), *república* (*vabariik* como em Kongo Vabariik), *negro* (*must* como em Must Meri) ou mesmo a conjunção *e* (*ja*, como em Trinidad ja Tobago), entre outras.

Entender *maa*, por outro lado, exige um olhar mais atento. Essa palavra aparece no final de alguns nomes de país principalmente na Europa. Podemos reconhecê-la em Prantsusmaa (que poderia significar terra dos franceses – não existe a consoante /f/ em estoniano então ela é aproximada por /p/), Saksamaa (terra dos saxões), Iirimaa (terra dos irish – em português fazemos o mesmo, com Ir-landa), Gröönimaa (como no português Groen-lândia), Venemaa (terra dos russos – *vene* é o nome para os russos entre os estonianos, originada de um tipo antigo de canoa), entre outros. Ou ainda, no próprio nome do mapa-múndi, Maailmakaart (*kaart* é *mapa* e *maailm* é *mundo* – nome que vem da junção entre *terra* (*maa*) e *clima* (*ilm*)). Logo, (a) está correta.

Ainda sobre os nomes, podemos ver que em muitos arquipélagos (Kanaari s-d, Bermuda s-d, Galápagose s-d, Hawaii s-d etc.) aparece a abreviação s-d. Para entendê-la, podemos olhar para algumas outras ilhas, notando que (i) em algumas delas aparece um nome não-abreviado, como em Rohenemesaared (ilhas de Cabo Verde), Marshallisaared (ilhas Marshall), Saalomonisaared (ilhas Salomão); (ii) em alguns locais cujo nome é plural aparece sempre um -d no final, como em Assoorid (Açores), Seišellid (Seychelles), Põhja Mariaanid (Marianas do Norte); (iii) Em ilhas solitárias, aparece às vezes a abreviação s ou o nome *saar*: Vancouveri s (ilha de Vancouver, no Canadá), Rodriguese s (Ilha Rodrigues, perto do Madagascar), Lõuna-Georgia s (Ilha Geórgia do Sul, perto da Antártica), ou então Jõulusaar (Ilha do Natal, perto da Indonésia) e Lihavõttesaar (Ilha de Páscoa, no Chile). Tudo isso não deixa dúvidas de que s-d é abreviação de *saared*, plural de *saar*, que significa ilha. Logo, (c) está correta.

Uma curiosidade é que os “estados” da Estônia todos recebem a terminação *maa*: Harjumaa, Pärnumaa, Võrumaa etc. – incluindo a maior ilha do país, chamada Saaremaa (literalmente, terra da ilha).

Ainda sobre os nomes, é interessante que são os países mais próximos da Estônia (Eesti) que tem os nomes mais diferentes dos que conhecemos. Isso inclui todos os países com povos que navegavam pelo Mar do Norte, como Läti (Letônia), Leedu (Lituânia), Soome (Suomi ou Finlândia), Rootsi (Suécia), Norra (Noruega), Tanni (Dinamarca); e também os vizinhos de terra, como Venemaa (Rússia) ou Valgevene (Bielorrússia). Se pensarmos na dinâmica da língua, isso é natural, já que esses povos estão em contato há muitos séculos e então criaram seus próprios nomes uns para os outros, baseadas em metáforas ou eventos históricos

específicos. Os outros países, em geral, tem nomes mais parecidos com os nomes pelos quais eles são conhecidos internacionalmente, incluindo Brasília, Angola, Mongólia, Vietnam etc. Logo, faz sentido que a (d) esteja correta.

Por fim, podemos aprender também um pouco sobre a pronúncia do estoniano. Em relação às vogais, vemos que o estoniano tem as cinco vogais (a, e, i, o, u) e mais algumas outras: õ em Kõrgozstan ou em lõuna, ö em Gröönimaa, ü em Türgi. Mas mais importante que isso, vemos que as vogais duplicadas são muito comuns na ortografia do estoniano. De fato, a língua estoniana tem uma distinção muito clara entre vogais pronunciadas de uma forma curta, rápida, e de uma forma prolongada. Essa distinção muitas vezes (mas nem sempre!) substitui a distinção que temos em português entre vogais tônicas e átonas. De fato, em muitos nomes de países, vogais longas aparecem nas sílabas que, em português, seriam tônicas: Boliivia (Bolívia), Sudaan (Sudão), Liibüa (Líbia), Süüria (Síria), Austraalia (Austrália), entre muitas outras. Assim, faz sentido que (b) esteja correta.

Quanto às consoantes, o estoniano não parece ter nenhuma consoante tão diferente, pois em geral usa as mesmas letras para consoantes que nós usamos, sem formas modificadas delas. As exceções a isso são as consoantes š e ž, que aparecem em alguns poucos nomes no mapa. A letra ž aparece em Kambodža, Tadžikistan e Alžeeria (o que significa que o ž é pronunciado como o nosso *j* em *jogo*), enquanto š aparece sozinha em em Seišellid (ou seja, com o som de *x* em *xícara*) ou junto com *t* em Tšehhia, Tšiili e Tšaad. Dessa forma, š e ž formam um par de consoante desvozeada e vozeada, como *s* e *z*. Com isso, fica claro que o som de *tch* em *tchau*, embora não seja nativo da língua estoniana, tem uma grafia padrão na língua, aparecendo nos países citados acima. Logo, (e) está errada.

Os ka'apor, também chamados de caapores, são um povo indígena que vive em cinco aldeias distribuídas pela região do Alto Turiaçu, sul do estado do Maranhão, Brasil. Em 1966, Jim Kakumasu (missionário e linguista que viveu entre os Ka'apor) noticiou pela primeira vez a língua de sinais ka'apor brasileira, que ele associou a uma alta taxa de surdez na população (cerca de 1 a cada 75 indivíduos é surdo).

Abaixo estão frases na língua de sinais ka'apor:

<https://player.vimeo.com/video/864340571>

Em ordem aleatória, os sinais acima correspondem às seguintes frases em português:

- A cobra chegou.
- O tatu cavou.
- A onça forte comeu.
- O jabuti se escondeu.
- O gavião falou.

O seguinte vídeo mostra um menino sinalizando um animal:

<https://player.vimeo.com/video/864340599>

Qual animal é esse?

- a) tatu
- b) onça
- c) jabuti
- d) cobra
- e) gavião

**Resposta: (a)**

O problema se baseia em um fenômeno linguístico chamado de “iconicidade”, que se refere a uma estratégia da sinalização que utiliza dos aspectos fonológicos (sua forma) da línguas de sinais para representar os aspectos semânticos (o seu significado). A iconicidade não é uma forma de simplesmente figurar como uma fotografia a forma de um objeto ou de um conceito, mas sim compor a gramática e a morfologia da língua de sinais com sinais inspirados em materializar parte do sentido a ser expresso.

A iconicidade, em diversas situações e línguas, não é totalmente evidente e não implica imediatismo da compreensão ou puro realismo da figuração. Para captar o sentido dos gestos icônicos devemos analisar o contexto, já que sinais icônicos representam parte do seu significante, podendo ser classificados em diferentes formas ao representarem ações, formas, símbolos ou outros modos de remeter a um objeto, ser, ação ou conceito.

Ao analisarmos o vídeo A, podemos visualizar uma sinalização inicial que aparenta ser uma abertura/escavação com as duas mãos, seguida de um sinal com o indicador posicionado na frente do nariz realizando uma movimentação periódica para cima e para baixo, como um focinho balançando, além de uma expressão corporal (um tipo de expressão não-manual característica de línguas de sinais) de retração dos ombros compondo o sinal. Essa movimentação indica um animal com focinho, provavelmente com uma carapaça, realizando uma ação que podemos identificar como “cavar”, portanto se refere à frase “O tatu cavou.”. Compreendendo que o sinal de tatu faz referência ao seu focinho e ao seu corpo. Além disso, é interessante enfatizar que a movimentação sobrepõe um componente que mimetiza a ação do tatu escavar: ele realiza movimentos mais intensos do indicador, que acompanham o movimento de flexão do tronco, indicando a trajetória da escavação do tatu.

Quando observamos o vídeo B, vemos um sinal inicial com a configuração de mão aberta com os dedos separados na cabeça da pessoa sinalizando seguido de um sinal com o indicador se movimentando da boca para frente. Portanto ao compararmos com as ações possíveis, a frase que melhor é representada seria “O gavião falou.”, já que envolve um animal com plumas em sua cabeça e a sinalização de emissão de algo pela boca.

Seguindo para o vídeo C, podemos observar a pessoa sinalizando inicialmente um sinal com a língua para fora e a mão próxima a boca com a configuração de mão composta pelo dedo médio e indicador levantados. Posteriormente a frase segue com um sinal com movimento da região lateral para a região média anterior da pessoa sinalizando, indicando algo de fora para dentro. Dessa forma, podemos relacionar com a frase “A cobra chegou.”, já que inicialmente podemos relacionar a língua e dos dedos representando presas com a cobra, além da movimentação representar algo chegando ao espaço neutro.

Partindo para o vídeo D, inicialmente temos a pessoa sinalizando na região do olho com a configuração de mão com o indicador se flexionando e o polegar se opondo, realizando um círculo com os dedos. Posteriormente temos um sinal com os dois braços flexionados anteriormente e por último uma movimentação com a mão do exterior para a região do estômago. Com isso, relacionamos o vídeo D com a frase “A onça forte comeu.”, visto que a ação de comer envolve uma ação com o estômago, os braços tendem a ser um símbolo de força e a onça é um animal com um olho evidente e marcado por suas manchas.

Finalmente, ao analisarmos o vídeo E, podemos perceber um sinal que se parece com uma pinçada do dedo indicador e polegar na região do pescoço seguido por uma configuração do braço esquerdo semi flexionado com o braço direito se movimentando por baixo. Podemos relacionar essa frase com “O jabuti se escondeu.”, pois o primeiro sinal evidencia o pescoço mole mostrando as rugas que os jabutis têm na garganta que incham com sua respiração. Além disso, a ação de realizar um movimento abaixo da representação de algo fixo nos aproxima da ideia de “se esconder”.

O animal pedido pela tarefa se aproxima do sinal composto na frase “O tatu cavou”, dessa forma o animal pedido é o TATU.

O nome do problema foi inspirado por uma narrativa do povo Ka’apor chamada “História de Aé”. A história de Aé é uma explicação da origem da arte plumária, baseada no mito de que, antigamente, os Ka’apor caçavam um tipo de jaguar encantado, chamado Aé, que tinha ossos azul-verdes. Com a ossaria dos Aés, os Ka’apor faziam miçangas para se embelezarem. Os vídeos B e C são trechos dessa história contada em Língua de Sinais Ka’apor.

A língua japonesa possui uma quantidade considerável de empréstimos de outras línguas (chamados de 外来語 - *gairaigo* - lit. *língua que vem de fora*). Abaixo há uma lista de palavras que foram emprestadas do português para o japonês, primeiro na forma em português e em seguida na forma que elas tomaram em japonês (transcritas para o alfabeto latino):

1. pão – pan
2. frasco – furasuko
3. carta – karuta
4. Holanda – oranda
5. calção – karusan
6. órgão – orugan

Qual das alternativas contém, respectivamente, as formas japonesas de “tabaco”, “marmelo” e “botão”?

- a) tabako, marumelo, butan
- b) tabaku, marmero, botan
- c) tabako, marumero, butan
- d) tabaku, marmero, butan
- e) tabako, marumero, botan

**Resposta: (e)**

1. **pão – pan**  
calção – **karusan**  
órgão – **orugan**

Terminações -ão se tornam -an;

2. **frasco – furasuko**  
carta – **karuta**  
calção – **karusan**

Na transcrição das formas japonesas, todo <c> é escrito como <k>; todo <ç> se torna <s>.

Isso acontece porque os empréstimos acontecem baseados no som das palavras, e não na forma com oelas são escritas. Como o <ç> tem som de /s/, ele é escrito dessa maneira. Da mesma forma, o <c> é escrito como <k> quando tem som de /k/.

3. **Holanda – oranda**  
calção – **karusan**

Todo <l> se torna <r>; isso se dá porque não existe o fonema /l/ em japonês.

4. **frasco – furasuko**  
**carta – karuta**

Quando existe um encontro consonantal em português, em japonês as duas consoantes ficam em sílabas diferentes e recebem um ⟨u⟩.

Existe uma exceção a essa regra: o encontro consonantal em **oranda**. Isso acontece por causa da estrutura das sílabas em japonês, que não aceita combinação de consoantes, mas aceita sílabas terminadas em -n (como vimos nas palavras listadas na regra 1).

5. Todos os outros elementos se mantêm.

Com isso, podemos escrever:

- **tabaco** → **tabako**
- **marmelo** → **marumero**
- **botão** → **botan**

A seguinte frase em alemão significa *Os fotógrafos estão tirando fotos com câmeras no parque antes do concerto.*

Die Fotografen machen vor dem Konzert mit Kameras im Park Fotos.

Se formulada de outras formas, ela pode trazer sentidos um pouco diferentes:

Fotos machen die Fotografen vor dem Konzert mit Kameras im Park.

*Os fotógrafos estão tirando fotos (e não outras coisas) com câmeras no parque antes do concerto.*

Im Park machen die Fotografen vor dem Konzert mit Kameras Fotos.

*Os fotógrafos estão tirando fotos com câmeras no parque (e não em outro lugar) antes do concerto.*

Observação: você não precisa saber nada de alemão para resolver este problema!

Sabendo disso, qual das alternativas abaixo pode ser usada para enfatizar que os fotógrafos não usam o celular para fotografar?

- a) Vor dem Konzert machen die Fotografen mit Kameras im Park Fotos.
- b) Mit Kameras machen die Fotografen vor dem Konzert im Park Fotos.
- c) Machen mit Kameras die Fotografen vor dem Konzert im Park Fotos.
- d) Die Fotografen machen vor dem Konzert im Park Fotos mit Kameras.
- e) Machen die Fotografen vor dem Konzert mit Kameras im Park Fotos.

**Resposta: (b)**

No alemão, a ordem canônica de uma frase (sem ênfase em nenhum elemento) é a seguinte:

Sujeito + verbo + **informação de tempo** + **informação de modo/instrumento** + **informação de local** + **objeto direto (não pronominal)**

A oração no começo do enunciado segue a ordem canônica:

Die Fotografen machen vor dem Konzert mit Kameras im Park Fotos.

Na estrutura enfática, o elemento em ênfase é movido para o começo da oração, enquanto o verbo continua na segunda posição da frase. Assim foram formulados os dois outros exemplos do enunciado:

Fotos machen die Fotografen vor dem Konzert mit Kameras im Park.

*Os fotógrafos estão tirando fotos (e não outras coisas) com câmeras no parque antes do concerto.* – **Fotos** é a informação relevante e está em ênfase.

Im Park machen die Fotografen vor dem Konzert mit Kameras Fotos.

*Os fotógrafos estão tirando fotos com câmeras no parque (e não em outro lugar) antes do concerto.* – **Im Park** é a informação relevante e está em ênfase.

Uma forma de enfatizar que eles não estão usando o celular é mover a informação de instrumento para o início da oração, enquanto o verbo, por regra, continua na segunda posição:

Mit Kameras machen die Fotografen vor dem Konzert im Park Fotos.

O vídeo abaixo demonstra uma ilusão da percepção da fala chamada “efeito McGurk”:

<https://player.vimeo.com/video/864340621>

Nesse vídeo, a sequência de imagens mostra uma pessoa dizendo ‘gá agá’ repetidas vezes, enquanto no áudio ela está dizendo ‘bá abá’. Porém, quando pessoas veem as imagens ao mesmo tempo em que escutam o áudio, muitas reportam que o que foi dito foi, na verdade, ‘dá adá’.

A partir disso, assinale a alternativa que **não** condiz com o efeito McGurk.

- a) A percepção da fala envolve mais de um sentido e conta com a integração entre audição e visão; logo, a língua está relacionada aos nossos processos mentais.
- b) O som do ‘g’ acontece no fundo da boca, com a parte de trás da língua, enquanto o ‘b’ acontece na frente da boca, nos lábios. As pessoas indicaram escutar ‘dá adá’ porque o ‘d’ acontece mais ou menos entre esses dois sons, mais no meio da boca, com a parte da frente da língua.
- c) Se o mesmo experimento fosse realizado substituindo ‘gá agá’ por ‘cá acá’ e ‘bá abá’ por ‘pá apá’, a maior parte das pessoas indicaria que o que foi dito foi ‘má amá’.
- d) O efeito McGurk pode ser utilizado para explicar por que o uso de máscaras faciais de proteção muitas vezes dificulta a comunicação oral.
- e) O fenômeno é similar ao que acontece quando são colocadas legendas incorretas em músicas para que as pessoas as “escutem” errado, geralmente de algum jeito engraçado.

**Resposta: (c)**

Vamos analisar cada alternativa:

- a) A percepção da fala pelo cérebro é multimodal. Ou seja, ela se baseia não somente nos sons que escutamos mas também no que vemos (bocas se mexendo, legendas...), nas nossas expectativas, pensamentos etc. De fato, a produção e compreensão da língua envolvem processos mentais e cerebrais diversos, o que é estudado pela psicolinguística e pela neurolinguística. **Correta.**
- b) O som ‘g’ é produzido no que chamamos de véu palatino, ou palato mole, que é a parte de trás e mais macia do céu da boca. Já o ‘b’ é produzido com o encontro dos dois lábios, a parte da frente da nossa boca. O som percebido, ‘d’, acontece quando a ponta da nossa língua encosta nos nossos alvéolos bucais, logo atrás dos dentes, ou até mesmo nos dentes. Ou seja, o ‘d’ é de fato produzido em um local que fica entre os locais de produção do ‘g’ e do ‘b’. A percepção de um ‘d’ acontece porque, como as informações da audição e da visão eram conflitantes, o cérebro cria um meio termo entre elas, resultando nesse terceiro som. **Correta.**
- c) O som ‘c’, como em ‘casa’, também é produzido com a aproximação entre a parte de trás da língua e o fundo da boca, assim como o do ‘g’. De fato, esses dois sons são produzidos exatamente no mesmo lugar; a diferença entre eles é que, quando falamos ‘g’, nossas

cordas vocais vibram, e quando falamos ‘c’, isso não acontece. Podemos dizer o mesmo da diferença entre ‘b’ e ‘p’: ambos são produzidos nos lábios, mas o ‘b’ tem a vibração e o ‘p’ não. Dessa forma, se o mesmo experimento fosse realizado substituindo ‘gá agá’ por ‘cá acá’ e ‘bá abá’ por ‘pá apá’, espera-se que, como no exemplo do vídeo do enunciado, o som percebido também seja mais no meio da boca, entre esses dois novos sons. Mas a alternativa indica a consoante ‘m’, que, na verdade, também é produzida pelos lábios, na frente da boca. Nesse caso, o que a maior parte das pessoas escutaria seria algo como ‘tá atá’, que corresponde a ‘dá adá’, mas sem a vibração das cordas vocais. **Incorreta.**

- d) Como abordado nas demais alternativas, o efeito McGurk é utilizado para explicar que a percepção da fala não usa somente a audição, mas também inclui a visão. Com as máscaras, a boca do falante fica coberta, e não é possível ver exatamente como ela está produzindo os sons. Por isso, a comunicação oral pode ser dificultada, já que perdemos o apoio da informação visual. **Correta.**
- e) O fenômeno de quando interpretamos uma palavra ou frase de uma maneira diferente do que foi dito mas que se encaixa na linha geral da pronúncia é chamado em inglês de *mondegreen*, e em português de *virunduns*. Esse efeito é conhecido tanto através de interpretações engraçadas porém populares de músicas conhecidas (como “amarelo deserto e seus tremores” ou “trocando de bikini sem parar”) quanto através de memes intencionais. Se em um clipe musical são escritas legendas que não condizem com as palavras cantadas, mas que ainda fazem algum sentido com o que é pronunciado, a ouvinte ser levada a “escutar” a música errado, porque a leitura cria uma “expectativa” com relação ao estímulo auditório percebido. Essa expectativa advinda da percepção visual interfere na percepção da fala, tal como acontece no efeito McGurk. **Correta.**

Para saber mais:

- Sobre o Efeito McGurk e outros efeitos de dublagem: <https://www.blogs.unicamp.br/linguistica/2018/07/17/por-que-nos-incomodamos-com-filmes-mal-dublados/>
- Sobre o virunduns: <https://www.roseta.org.br/2020/07/15/virunduns-como-uma-janela-para-mudanca-linguistica-em-andamento/>
- O artigo original de Harry McGurk de 1967: [http://wexler.free.fr/library/files/mcgurk%20\(1976\)%20hearing%20lips%20and%20seeing%20voices.pdf](http://wexler.free.fr/library/files/mcgurk%20(1976)%20hearing%20lips%20and%20seeing%20voices.pdf)

As línguas eslavas são um grupo de línguas faladas principalmente no leste da Europa, todas derivadas de uma mesma língua original, chamada pelos linguistas de *protoeslavo*. Para reconstruir o protoeslavo, os linguistas compararam diferentes línguas eslavas e estabeleceram regularidades (esse é um método usado pelos linguistas para reconstruir línguas a partir de suas “línguas-filhas”).

Abaixo estão listadas as pronúncias de algumas palavras em tcheco, polonês e russo.

| Tcheco  | Polonês | Russo    |
|---------|---------|----------|
| hóřki:  | góźki   | gór'kʲij |
| ří:dkí: | zǎdki   | rʲédkʲij |
| nu:ž    | nuz     | noz      |
| žéna    | zóna    | žíná     |
| lá:ska  | wáska   | łáskə    |
| ku:ŋ    | koŋ     | konʲ     |
| célo    | tśáwo   | tʲétə    |
| lev     | lev     | lʲev     |
| tma     | tśma    | tʲma     |
| jáblko  | jápko   | jábtəkə  |
| lí:pa   | lípa    | lʲípə    |
| pá:ra   | pára    | par      |

Leia as quatro afirmativas abaixo e marque a alternativa correta.

- I) A consoante /z/ do polonês provavelmente corresponde a duas consoantes diferentes no protoeslavo, pois corresponde a duas consoantes diferentes no russo e no tcheco.
  - II) No russo, tanto as vogais tônicas quanto as não tônicas mantiveram formas semelhantes às do protoeslavo.
  - III) As consoantes /t/ e /l/ do russo provavelmente correspondem a só uma consoante do protoeslavo, uma vez que correspondem a uma mesma consoante no polonês e no tcheco.
  - IV) A palatalização das consoantes, ou seja, a pronúncia de consoantes com a língua mais próxima do céu da boca, é marcada com /j/ em russo. Ela é provavelmente um fenômeno moderno do russo, sem correspondência no protoeslavo.
- a) Apenas a afirmativa I é verdadeira.
  - b) Apenas as afirmativas II, III e IV são verdadeiras.

- c) Apenas as afirmativas I e III são verdadeiras.
- d) Apenas as afirmativas II e IV são verdadeiras.
- e) Apenas as afirmativas I e IV são verdadeiras.

Nota: /ə/ e /ɪ/ são vogais neutras, com a língua relaxada numa posição mais central da boca, semelhantes a /e/ e /i/, respectivamente; /ʒ/ é uma consoante como j em jaca; /z/ e /ʀ/ são parecidos, porém com a ponta da língua levantada e com a língua vibrando, respectivamente; /tɕ/, /c/ e /ɲ/ são consoantes palatais, com a parte do meio da língua levantada, e /j/ indica palatalização, em que uma consoante será “próxima” de uma palatal. /ʎ/ é uma consoante próxima ao l em *laranja*, porém velarizada, ou seja, com a parte de trás da língua levantada.

### Resposta: (a)

- I) Há quatro palavras no corpus do polonês com o som /z/. Dessas quatro, as duas primeiras correspondem ao /ʀ/ no tcheco e ao /rʲ/ no russo, e as duas últimas correspondem ao /ʒ/ no tcheco e ao /z/ no russo. Assim, faz sentido pensar que trata-se de duas consoantes diferentes do proto-eslavo, uma se transformou em (ʀ, z, rʲ) e outra em (ʒ, z, z). **Correta.**

De fato, a reconstrução do protoeslavo indica que a primeira consoante era algo próximo a [rʲ], que perdeu a palatalização no tcheco. Já a segunda consoante era [ʒ] e ela ganhou um caráter retroflexo tanto em polonês quanto no tcheco. Outra indicação dessas duas origens é que, embora ambas as formas são pronunciadas da mesma forma no polonês, elas são escritas de formas diferentes na língua: a primeira com <rz>, a segunda com <ż>.

- II) Poderíamos estabelecer as correspondências entre as vogais do corpus, mas algo que chama atenção é um comportamento específico das vogais no russo. A vogal [ə] aparece correspondendo a [a], [o] ou entre consoantes, enquanto a vogal [ɪ] aparece no lugar de [i], mas somente em sílabas não-tônicas. Esse fenômeno parece uma neutralização, ou seja, as vogais assumem uma característica mais “neutra”, com a língua numa posição mais central. Esse fenômeno não parece ter correspondência nas outras línguas. **Incorreta.**

- III) Temos três palavras em russo com /ʎ/ e duas com /ʎ̨/. No tcheco, todas essas cinco ocorrências correspondem a um /l/. Olhando só para essas duas línguas, isso poderia significar ou que essas duas consoantes eram iguais no protoeslavo e se diferenciaram no russo ou que eram diferentes no protoeslavo e se fundiram no tcheco. O polonês pode ajudar a tirar a dúvida: o /ʎ̨/ russo corresponde a /l/ no polonês, mas das três ocorrências de /ʎ/ no russo, duas correspondem a /w/ em polonês e, na terceira, a consoante apenas desapareceu. Isso parece indicar que a distinção já existia de alguma forma no protoeslavo.

**Incorreta.**

De fato, o contraste entre essas duas consoantes no protoeslavo estava ligado à posterioridade das vogais, como ainda é em russo: /ʎ/ aparece junto a vogais produzidas no fundo da boca, /a o u/, enquanto /ʎ̨/ aparece junto com vogais produzidas na frente da boca, /e i/. No polonês, esse contraste ficou ainda maior e não depende das vogais. Além disso, é interessante notar que a ortografia do polonês ainda usa <ł> para escrever o fonema /w/.

- IV) No total, temos cinco consoantes sofrendo a palatalização no russo: /rʲ ʎ̨ kʲ nʲ tʲ/. A primeira já foi analisada em I e a segunda em III, mas agora queremos olhar o traço geral da palatalização. Embora ela, enquanto fenômeno sistemático, seja bastante característica do russo, podemos ver algumas correspondências com o polonês: por

exemplo, enquanto /n/ em uma língua corresponde ao mesmo fonema na outra, /nʲ/ em russo corresponde a /ɲ/ em polonês. Da mesma forma, /d/ é o mesmo nas duas línguas mas /tʲ/ russo corresponde a /tɕ/ polonês. Essas consoantes no polonês são consoantes palatais, similares às suas formas não-palatais. Ou seja, é provável que já houvesse alguma distinção ligada à palatalização no protoeslavo, que deu origem às consoantes palatalizadas do russo e às consoantes palatais fixas do polonês. **Incorreta.**

A imagem abaixo mostra uma placa com todas as letras de um sistema de escrita bastante antigo do continente africano. Repare que as letras são apresentadas em uma matriz ou tabela. Isso é diferente de como apresentamos o nosso alfabeto, numa lista: a, b, c, d, e, f...



As alternativas trazem os nomes das maiores cidades da Etiópia (Addis Abeba, ou አዲስ አበባ na escrita da placa), da Geórgia (Tbilisi, ou თბილისი) e do Belize (Belize, ou ቤሊዝ), em diferentes sistemas de escrita. Qual das alternativas mostra um sistema de escrita que é **funcionalmente** mais parecido com o da placa? Em outras palavras: qual dos sistemas abaixo funciona de um jeito mais parecido, e provavelmente também seria apresentado em uma tabela como a da foto?

- Ադիս Աբեբա / Թբիլիսի / Բելիզ
- আদিস আবাবা / তিবিলিসি / বেলিজ
- 亚的斯亚贝巴 / 第比利斯 / 伯利兹
- אדיס אבבה / טביליסי / בליז
- Аддис-Абеба / Тбилиси / Белиз

**Resposta: (b)**

O sistema de escrita mostrado na imagem do problema é o ge'ez, usado para escrever várias línguas faladas na Etiópia e na Eritreia – é também a escrita litúrgica oficial da Igreja Ortodoxa Etíope (Tewahedo). A escrita ge'ez é usada continuamente desde o século 1 da era comum.

Ela funciona usando um sistema que é chamado de **abugida**, que na verdade é o nome para “alfabeto” em várias línguas etíopes – por causa das quatro primeiras letras: A, B, G, D. Escritas do tipo abugida são as que tem um símbolo principal (a “letra”) representando uma consoante, que é modificada por um sinal acessório (um “diacrítico” ou “acentinho”) que dá a vogal. Poderíamos ter percebido isso pelos nomes das cidades dados pelo problema:

- ᐁ - ba em Abeba
- ᐁᐁ - bi em Tbilisi *na verdade esse símbolo representa bi*
- ᐁᐁ - be em Belize

ou então

- ᐁᐁ - s(i) em Addis(i)
- ᐁᐁ - si em Tbilisi

E é por isso que o sistema é apresentado em uma tabela: as linhas representam as letras consonantais, e as colunas representam suas combinações com cada vogal.

Repare que um sistema desses também tem uma **vogal implícita**: se a letra ge’ez aparece sem nenhum modificador consonantal, pressupõe-se a vogal [ə], o famoso *schwa*. Isso aparece no nome Abeba, que na verdade é lido como Abəba, no símbolo ᐁ.

Além disso, o sistema também precisa de uma letra para **consoante nula**, ou seja, uma base para quando a sílaba é composta apenas por uma vogal. É o caso de A em Abeba, que é representada por ᐁ. Combinando com os modificadores que já aprendemos, podemos deduzir que a sílaba e seria ᐁᐁ e a sílaba i seria ᐁᐁ.

Entre as alternativas, o único sistema que também é um abugida é a **escrita bengali da alternativa (b)**. Poderíamos deduzir isso comparando as mesmas sílabas exemplificadas acima. De fato, a escrita bengali faz parte da família de escritas brânicas, que derivam de uma mesma escrita e são, quase todas, abugidas. Isso inclui a escrita devanagari (usada para escrever sânscrito, hindi, nepali e várias outras línguas), as escritas do sul da Índia (kannada, telugu, tamil, malayalam), diversas escritas do sudeste asiático (thai, lao, khmer etc), além do tibetano, javanês e várias outras.

Mas claro que genealogia não é tudo. A escrita ge’ez deriva das escritas semíticas do sul, que em última análise derivam dos hieroglifos egípcios. Outra escrita semítica foi a escrita fenícia, que deu origem à maior parte dos alfabetos do mundo, incluindo o nosso alfabeto latino mas também o alfabeto armeno (alternativa A) e o alfabeto cirílico (alternativa E). Ambos são **alfabetos**, ou seja, consoantes e vogais são representadas como símbolos independentes (você poderia descobrir isso contando o número de letras, por exemplo).

Também deriva das escritas semíticas a escrita hebraica (alternativa D), que funciona como um **abjad**: as consoantes são representadas mas a maioria das vogais simplesmente não é escrita, mas é aprendida na fala. Apenas algumas vogais longas são representadas graficamente. Ou seja, a relação de parentesco entre a escrita hebraica, a latina e a ge’ez, por exemplo, não impede que, funcionalmente, sejam três sistemas de escrita distintos.

Por fim, temos também a escrita chinesa (han zi) na alternativa C. Ela funciona com uma combinação de logogramas (símbolos que representam palavras e não seus sons) com símbolos que representam sílabas inteiras (nesse caso, ba, be e bi seriam símbolos diferentes entre si).

Na edição de 2023 do *reality show* Big Brother Brasil, algumas falas da participante Larissa repercutiram de forma negativa na internet, com vários internautas criticando seu uso de palavras como “menas” e “truce”.

Considerando o seu conhecimento sobre a variação na língua portuguesa e o preconceito linguístico, assinale a análise **incorreta** sobre a situação:

- a) A defesa insistente de “menos” e “trouxe” revela uma forma de elitismo, porque, em geral, esses usos são mais comuns entre os brasileiros mais escolarizados, enquanto “menas” e “truce” ocorrem mais entre a parcela menos escolarizada da população.
- b) A viralização da fala de Larissa de forma negativa foi um exemplo de como preconceitos podem ser facilmente replicados na internet.
- c) As transformações da língua estão sempre acontecendo, o que faz certas situações se repetirem. Por exemplo, um século atrás era considerado errado e deselegante pronunciar “l” como “u” no final de sílaba (por exemplo, pronunciar “alto” e “final” como “auto” e “finau”), mas hoje essa é a forma mais comum de pronúncia no português do Brasil.
- d) O Big Brother Brasil, ao veicular desvios gramaticais a todo o país, ajuda a perpetuar o linguajar coloquial e dificulta o ensino de língua portuguesa.
- e) A crítica ao uso de “menas” e “truce” ignora o funcionamento da língua. Falantes atentos percebem que “menas” geralmente é usado antes de palavras femininas (assim como “muitas” e “poucas”); e “truce” é resultado de um fenômeno similar ao de “pêxe” e “ôro”.

#### Resposta: (d)

A alternativa (d) está **incorreta** por afirmar que o linguajar coloquial, quando transmitido em rede nacional, dificulta o ensino da língua portuguesa. Essa afirmativa é falsa, visto que o linguajar coloquial não só é cotidianamente expresso em rede nacional, por meio de filmes, novelas e entrevistas, como está presente na fala de quase todos os brasileiros sem que isso prejudique a aprendizagem da língua. Além disso, parte do princípio de que qualquer desvio à norma-padrão é prejudicial para a língua, quando na verdade os “desvios gramaticais”, numa visão sociolinguística, nada mais são do que maneiras com que a língua se diversifica entre seus falantes, podendo até mesmo se cristalizar com o tempo.

Essa cristalização de formas divergentes é o que a alternativa (c) traz, com um exemplo histórico de forma que já foi repreendida e que atualmente tornou-se dominante. Na verdade, se focarmos na análise sob uma perspectiva histórica, a conclusão será de que toda a língua portuguesa foi formada de divergências históricas às normas estabelecidas da linguagem em certo período de tempo, basta observar todas as mudanças que a língua sofreu desde o latim clássico, por exemplo.

A alternativa (e), por sua vez, demonstra como o processo de formação das formas “truce” e “menos”, consideradas erradas, faz parte de processos lógicos dentro da língua. A forma “truce”, por exemplo, faz parte de uma série de transformações muito abrangentes de

**monotongação** de certos ditongos. Esse fenômeno é muito comum na fala de diversos brasileiros, em palavras como “touro”, “peixe” e “caixa”, que são pronunciadas normalmente como “toro”, “pexe” e “caxa”. A forma “trouxe” normalmente é monotongada como “troce”, e é por isso que “truce” soa mais estranho para os falantes que não estão acostumados. A forma “menas”, por outro lado, é apenas uma variação da forma “menos” que funciona para concordar com o gênero feminino. Acontece que, enquanto muitas palavras, na norma-padrão, demandam essa concordância, “menos” não é uma delas. Porém, é evidente que esse “desvio” é apenas uma forma que segue a lógica da língua, que por si só tem diversas irregularidades.

A alternativa (a) mostra como esse preconceito linguístico com quaisquer formas consideradas “desvios” muitas vezes é uma forma de elitismo, ou seja, preconceito de classe, visto que elas são majoritariamente faladas por parcelas menos escolarizadas, e portanto mais pobres da população. As formas mais privilegiadas da língua são as faladas principalmente pelas classes altas das grandes capitais do sul e sudeste, as cidades mais ricas do país, enquanto a maior parte das formas diferente disso está sujeita ao preconceito linguístico, seja em sotaques regionais ou em variedades faladas pelas classes mais pobres dessas mesmas regiões. Um outro exemplo que ocorreu no Big Brother Brasil, na edição de 2021, foi quando a participante Juliette foi alvo de diversos comentários de outros participantes que ridicularizaram sua fala, característica do estado da Paraíba. As cenas das piadas viralizaram na internet, com diversos internautas rindo e apoiando a atitude preconceituosa dos participantes. E é justamente a maneira como a internet espalha esse tipo de preconceito que é abordada na alternativa (b). Isso acontece com quase qualquer forma de intolerância que encontra na internet um espaço seguro, de onde diversas pessoas acreditam que sairão impunes.

Quando verbos costumam aparecer juntos com muita frequência, eles podem criar relações especiais. Com o tempo, um deles vai se afastando do seu sentido “original” e se une ao outro para indicar o início ou o fim da ação, um hábito, entre várias outras funções. Exemplos dessa união são abundantes em português – na verdade, eles acabaram aparecendo em todas as frases deste parágrafo!

Identifique em qual das alternativas a seguir **não** encontramos mais um caso desse fenômeno.

- a) Mesmo que a vitória fosse improvável, João seguia se esforçando ao máximo.
- b) Jonas ganha tudo o que pede, mas vive reclamando.
- c) Joel ficou falando tanto que perdeu a hora.
- d) Quando tem prova, José estuda repetindo o conteúdo inteiro em voz alta.
- e) O que aconteceu com o Josias? Ele vem fazendo cada coisa ultimamente...

**Resposta: (d)**

O problema explora, com dados do português, as noções de perífrase verbal e verbo auxiliar. Esses conceitos ainda estão em debate na linguística, mas aqui adotamos o entendimento de que uma perífrase é uma sequência de verbos em que o primeiro (verbo auxiliar) agrega algum valor gramatical ou de sentido ao segundo (verbo principal).

No enunciado, que fala sobre a formação de verbos auxiliares nas línguas naturais, estão inclusos exemplos de perífrases verbais: *costumam aparecer*, *podem criar*, *vai se afastando* e *acabaram aparecendo*. A intenção era que os participantes reconhecessem, ao longo da definição, o próprio objeto que estava sendo definido.

Nas alternativas, esperava-se que os participantes identificassem construções semelhantes às que haviam localizado no enunciado e percebessem qual delas era diferente das demais – qual não poderia ser considerada uma construção com verbo auxiliar.

Todas as alternativas têm agrupamentos de verbos com a mesma forma: um verbo conjugado seguido de outro verbo no gerúndio. Nas alternativas A, B, C e E, os primeiros verbos (*seguir*, *viver*, *ficar* e *vir*) não expressam exatamente os seus sentidos “principais”, dicionarizados. Em vez disso, eles agregam um sentido de continuidade ou hábito ao verbo seguinte. Por exemplo, em *Ele vem fazendo cada coisa ultimamente*, não imaginamos que o sujeito tenha se deslocado de um lugar e vindo para outro mais próximo a nós, mas que o *fazer* já ocorre há algum tempo.

Na alternativa D, temos a mesma estrutura que nas demais, porém não percebemos uma relação de significado entre *estudar* e *repetindo* como a que se nota nas outras alternativas. O verbo principal ainda é *estudar*, e *repetindo o conteúdo [...]* especifica de que forma o estudo ocorreu. Em outras palavras, *repetir* complementa *estudar*, em vez de *estudar* ser um auxiliar de *repetir*. Essa é, portanto, a alternativa correta.

Abaixo estão algumas frases em turco e suas respectivas traduções para o português. Duas delas estão incompletas, com uma palavra faltando.

| turco              | português                |
|--------------------|--------------------------|
| Havuç yemezler.    | Eles não comem cenoura.  |
| Şarkıyı dinlemez.  | Ele não escuta a música. |
| Hediyeyi isterler. | Eles querem o presente.  |
| Pastayı yersin.    | Você come o bolo.        |
| Babanı dinlerler.  | Eles escutam seu pai.    |
| Kitabı _____(1).   | Você não quer o livro.   |
| Elmayı _____(2).   | Ele come a maçã.         |

Complete as lacunas.

- a) (1) istersin / (2) ye
- b) (1) istermezsın / (2) yer
- c) (1) istemezsın / (2) ye
- d) (1) istermezsın / (2) yemez
- e) (1) istemezsın / (2) yer

Nota: **ı** é a vogal posterior fechada [u], como u em *uva* mas com os lábios não arredondados; **y** é a aproximante palatal [j], como *i* em *pai*; **r** é o tepe alveolar [r], como *r* em *prato*; **h** é a fricativa glotal desvozeada [h], como *r* em *rato*; **ç** é a africada palatal [tʃ], como *tch* em *tchau*; **ş** é a fricativa pós-alveolar [ʃ], como *ch* em *chuva*.

### Resposta: (e)

Uma primeira coisa que podemos fazer, ao observar o corpus, é buscar entender a ordem das palavras nas sentenças em turco. Para isso, podemos olhar primeiro para o objeto das frases em português: são todos diferentes entre si, sem nenhuma repetição.

Nas frases em turco, as primeiras palavras de cada frase também são diferentes, enquanto as segundas palavras parecem ter uma relação maior entre si, uma vez que começam de jeitos parecidos e têm terminações que se repetem. Assim, podemos supor que a segunda palavra seria correspondente ao verbo, enquanto a primeira é o objeto. Portanto, percebemos que, em turco, o objeto tende a vir antes, e depois o verbo – diferentemente do português, em que a ordem mais comum é verbo e depois objeto.

Vamos analisar esses verbos. Três raízes verbais diferentes aparecem no problema, na parte inicial do corpus. Comparando as frases, vemos as seguintes relações:

|                     |         |
|---------------------|---------|
| isterler            | querer  |
| dinlemez, dinlerler | escutar |
| yemezler, yersin    | comer   |

Então, podemos supor que a parte final do verbo se refere à sua conjugação, bem como no português (eu ando, eu andei, tu andas, tu andaste etc.). Nesse problema, temos apenas verbos no presente, variando entre a primeira pessoa e a segunda, ou seja, poderíamos esperar duas conjugações diferentes para os verbos, em turco.

Entretanto, encontramos quatro terminações nas frases do corpus: -mezler, -mez, -rler e -rsin. Mas, se olharmos atentamente, algumas frases são afirmativas e outras negativas, com a palavra “não”. Levando isso em consideração, notamos que -mez- aparece no começo da conjugação quando o verbo está no negativo e -r- aparece no afirmativo. Ou seja, em turco, a marcação do afirmativo ou negativo (os linguistas chamam isso de **polaridade** da frase) é feita no próprio verbo.

Quanto ao final das conjugações, percebemos que, para o sujeito *eles*, depois da marcação no verbo da polaridade, é adicionado o sufixo -ler. Para *você*, o sufixo -sin, e para *ele*, não é adicionado nenhum sufixo.

Então, temos que:

|             | afirmativo | negativo |
|-------------|------------|----------|
| <i>você</i> | -r-sin     | -mez-sin |
| <i>ele</i>  | -r         | -mez     |
| <i>eles</i> | -r-ler     | -mez-ler |

Assim, conseguimos completar as lacunas das duas últimas sentenças e chegamos na alternativa (e).

Perceba, ainda, que, nessas sentenças, o sujeito não está marcado como uma palavra isolada, já que ele pode ser entendido pela conjugação do verbo – fenômeno que também acontece em português, por exemplo quando dizemos “ando rápido” em vez de “eu ando rápido”. Entretanto, se fôssemos indicar os sujeitos explicitamente no turco, eles viriam no início da frase, antes do objeto.

Kuna é uma língua falada pelo povo de mesmo nome, que habita regiões no Panamá e na Colômbia. O termo “Abya Yala” tem origem kuna e é utilizado para denominar o continente americano. O termo pode ser traduzido como “terra madura”, “terra viva” ou “terra em florescimento”.

Abaixo estão algumas frases em português e suas respectivas traduções para paya kuna, uma variedade da língua kuna. Entretanto, o verbo de cada tradução foi removido.

| português                                       | paya kuna                  |
|---|----------------------------|
| Hoje a mulher vai vender a camiseta.            | Immis ome yogal ____.      |
| O menino está cortando lenha.                   | Machi cho ____.            |
| Algum tempo mais tarde você vai vender o peixe. | Kujal pe ua ____.          |
| O velho vai cortar cocos agora mesmo.           | Immis-immis tad ogob ____. |
| A avó está comprando galinhas.                  | Mu kallin ____.            |
| Agora estou costurando a calça.                 | Immis an garson ____.      |
| A menina já comprou abacate.                    | Pun pato aswe ____.        |

Os verbos removidos são apresentados a seguir, fora de ordem.

uko, paknai, chiknai, ukne, maknai, pakcha, chikne

Quais verbos seriam usados, respectivamente, para completar as seguintes frases?

| português   | paya kuna           |
|---|---------------------|
| O estrangeiro vai cortar a saia em algum momento. | Waga sabured ____.  |
| Ontem a mãe costurou o casaco.                    | Sae nan chuba ____. |

- a) chiko e makcha
- b) pakne e makne
- c) chikne e ukcha
- d) pakne e makcha
- e) chiko e makne

**Resposta: (a)**

Como o enunciado indica que a forma verbal de cada frase em kuna foi removida, podemos começar a solução observando os verbos em português. Temos que os verbos *vender*, *cortar* e *comprar* aparecem duas vezes cada, enquanto o verbo *costurar* aparece uma só.

Ao analisar os verbos em kuna do corpus, podemos perceber que eles podem ser divididos em pelo menos duas partes. No início, temos uk-, pak- e chik- aparecendo duas vezes cada e mak- aparecendo uma (ou seja, os números são 2-2-2-1); depois dele, temos as terminações -nai, que aparece três vezes, -ne, que aparece duas, e -o e -cha que só aparecem uma vez (3-2-1-1).

Agora podemos tentar dividir os verbos em português e ver se os números batem. Se contarmos as raízes verbais no português (comprar, vender, cortar, costurar), chegamos na mesma contagem das partes iniciais dos verbos (2-2-2-1). Ou seja, a parte inicial dos verbos em kuna deve ser a das raízes verbais.

Depois disso, precisamos descobrir o que significa a segunda parte dos verbos (que agora podemos chamar de sufixos). Podemos levantar várias hipóteses; esses sufixos poderiam ser marcas de pessoa e número do sujeito ou do objeto, por exemplo. Mas seja contando as regularidades, seja avaliando as outras palavras da frase, vemos que não é o caso.

Por outro lado, vemos uma diversidade de tempos verbais e de advérbios de tempo, então uma possibilidade é que os sufixos indiquem o **tempo/aspecto verbal**. Se separarmos as ações em passado, presente e futuro, temos *comprar* no passado, *comprar*, *costurar* e *cortar* no presente, e *vender*, *vender* e *cortar* no futuro, o que nos dá os números (3-3-1). Para que isso seja compatível com a distribuição (3-2-1-1) dos sufixos, precisaríamos dividir um dos números 3.

Poderíamos, então, notar um futuro certo e mais imediato, como em *hoje* e *agora mesmo*, e outro mais distante e não específico, como em *algum tempo mais tarde*.

| kuna       | português                      |
|------------|--------------------------------|
| mak - nai  | costurar - presente            |
| uk - o     | vender - futuro não específico |
| uk - ne    | vender - futuro certo          |
| pak - nai  | comprar - presente             |
| pak - cha  | comprar - passado              |
| chik - nai | cortar - presente              |
| chik - ne  | cortar - futuro certo          |

Então, temos que mak- é *costurar*, uk- é *vender*, pak- é *comprar* e chik- é *cortar*. Além disso, para esses verbos apresentados no problema, temos os seguintes sufixos:

|                       |      |
|-----------------------|------|
| passado               | -cha |
| presente progressivo  | -nai |
| futuro certo          | -ne  |
| futuro não específico | -o   |

Assim, conseguimos descobrir as formas verbais faltantes das duas próximas frases. Na primeira, temos o verbo *cortar* acontecendo no futuro incerto, então será *chiko*. Na segunda, temos o verbo *costurar* acontecendo no passado, então será *makcha*. Logo, a alternativa correta é a (a).

Abaixo estão algumas palavras em fa d'Ambô, uma língua crioula de base portuguesa falada na ilha de Ano Bom, na Guiné Equatorial. Ao lado, essas mesmas palavras estão transcritas no *fa do vesu*, um jogo linguístico semelhante à língua do pê.

| fa d'Ambô   | fa du vesu            | português |
|-------------|-----------------------|-----------|
| bo          | bo.'po                | você      |
| 'ó.su       | ó.'pó.su              | você      |
| 'ga.vu      | ga.'pa.vu             | bonito    |
| o.'pa       | o.,po.pa.'pa          | árvore    |
| kum         | ku.'pum               | comer     |
| ha.'bal     | ha.,pa.ba.'pal        | cavalo    |
| 'baan.ku    | baa.'paan.ku          | branco    |
| bi.'gó.di   | bi.,pi.gó.'pó.di      | bigode    |
| ba.'blaa    | ba.,pa.bu.pu.laa.'paa | Bárbara   |
| xkee've     | xu.pu.kee.,pee.ve.'pe | escrever  |
| 'faa.ku     | (1)                   | fraco     |
| ma.'la      | (2)                   | amarrar   |
| mó.'lés.tia | (3)                   | moléstia  |

Qual das alternativas contém as formas 1-3?

- faa.,paa.ku.'pu / ma.'pa.la / mó.,pó.lé.'pés.tia
- faa.'paa.ku / ma.'pa.la / mó.,pó.lés.'pé.tia
- faa.'paa.ku / ma.,pa.la.'pa / mó.,pó.lé'.pé.su.tia
- faa.'paa.ku / ma.,pa.la.'pa / mó.,pó.lé.'pés.tia
- faa.,paa.ku.'pu / ma.,pa.la.'pa / mó.,pó.lé.'pé.su.tia

Nota: o ponto <.> é utilizado para separar as sílabas; <'> no início de uma sílaba marca que ela é tônica, enquanto <,> marca uma sílaba tônica secundária – mais acentuada do que o normal porém menos do que a tônica.

### Resposta: (d)

O *fa do vesu* é um jogo linguístico do fa d'ambô. Diferente de um dialeto natural, o jogo linguístico surge a partir da manipulação sistemática de elementos da língua. Um exemplo conhecido da língua portuguesa é a língua do pê, em que a sílaba *pê* é acrescentada antes de cada sílaba de uma

palavra, independentemente de sua tonicidade, vogal ou consoante. Desse modo, na língua do pê, a palavra *bigode* seria escrita como *pêbipêgopêde*. Como o fa d'ambô é uma língua crioula de base portuguesa (ou seja, que nasceu do contato forçado entre colonizadores portugueses e habitantes da ilha de Ano-Bom), é possível que o fa do vesu tenha surgido de alguma forma mais antiga da língua do pê.

No caso do fa do vesu, podemos observar que a sílaba do pê, que chamaremos de **sílaba extra**, aparece sempre depois de sua respectiva **sílaba-base**, aquela que faz parte da palavra original. As sílabas-base, nos dados apresentados pelo problema, podem conter zero, uma ou duas consoantes no início, e zero ou uma consoantes no final. Ou seja, o formato das sílabas-base é (C)(C)V(C).

As sílabas extras aparecem no início da palavra, após as sílabas pré-tônicas (que vem antes da tônica) e também após a sílaba tônica. É por isso que /ma.'la/ se torna /ma.,pa.la.'pa/ e /bi.'gó.di/ se torna /bi.,pi.gó.'pó.di/. Nesse processo, a tonicidade das sílabas muda:

- A sílaba extra que vem após a sílaba tônica se torna a tônica;
- As sílabas extra que vem após as pré-tônicas ganham acento tônico secundário.

A sílaba extra tem a seguinte estrutura: a consoante p seguida pela mesma vogal da sílaba-base. Por exemplo, /'faa.ku/ torna-se /faa.'paa.ku/. Porém, nos casos em que a sílaba-base tem uma consoante em posição de coda (depois da vogal), essa consoante não aparece mais na sílaba-base, apenas na sílaba extra. É por isso que, em /mó.'lés.tia/, a sílaba extra de lés será pés, enquanto lés se tornará lé, criando assim a forma /mó.,pó.lé.'pés.tia/.

Nas sílabas que possuem duas consoantes iniciais, o jogo as trata como sílabas diferentes: /xkee've/ se torna /xu.pu.kee.,pee.ve.'pe/. Observe que, nesse caso, apesar de a sílaba xu ser adicionada, a sílaba extra pu não recebe acento tônico secundário, porque a sílaba não existe na palavra original.